

djumbay

Informativo da Comunidade Negra Pernambucana Nº 1 — Março/92 — Cr\$ 500,00

José Vicente dá exemplo de militância

Hoje, com 81 anos de idade, José Vicente de Lima fala de sua participação ativa na extinta Frente Negra Pernambucana e da fundação do Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Seção **Resistência** na pág. 3



Quatro décadas dos Filhos de Gandhi. Seção **Afins** na pág. 6



Filhos de Gandhi no 1º Sambaxé Interstadual

Sambaxé deixa de ser projeto e torna-se consultoria. Seção **Raízes** na pág. 7

Olhá, negronas e negrões, negritas e negritos, o Djumbay circula agora com novo axé. Editorial na pág. 2 e enquete na pág. 7

O movimento negro atingiu a identidade étnica, mas não chegou à etnicidade. Esta é a opinião da profª Maria Auxiliadora Gonçalves, do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE. Seção **Baseado** nas pags. centrais

Vem aí o Baquenambuco
Pág. 7

Editorial

Esta é a nova proposta do nosso jornal Djumbay: envolver toda a comunidade pernambucana com uma comunicação participativa, servindo de instrumento conseqüente em favor da causa negra. O Djumbay amadureceu em conceito, forma e conteúdo. Esse amadurecimento continua à medida que os diversos segmentos negros vão apresentando suas

contribuições neste indispensável espaço de informações e discussões, inclusive com críticas construtivas. O novo Djumbay está dividido em seções, com os quais os negrões, negronas e outros leitores devem indo se familiarizando a cada edição para poder tirar um maior proveito. FALA, NEGRITUDE!

Navegando no Maré Brasil

Já está funcionando há três meses um dos mais novos espaços culturais de Olinda: o Maré Brasil Bar — Estação Olinda, com proposta de dar oportunidade para poetas, músicos e artistas plásticos locais mostrarem seu trabalho.

O nome do barzinho retrata a condição dos desfavorecidos brasileiros que, apesar das injustiças sociais, buscam e tentam sobreviver, navegando nas marés do Brasil, na maré que é o Brasil e na maré que está o Brasil.

Lançando mão de muita criatividade, os idealizadores deste espaço, Iran Ricardo e Eduardo Carvalho, usaram trabalhos em cipó para deco-

rar paredes; cascas e troncos de coqueiro para fazer o bar, bancos e portas. A característica primitiva do ambiente à meia-luz leva você a um clima de intimidade, de relaxamento e também, de requinte associado ao rústico.

Quem vai navegar no Maré Brasil, é recepcionado pelo Iran e atendido pela garçoneite Neide e pelo barman Eduardo. O cardápio musical é recheado com muito bom gosto e raridade: Elis Regina, Baden Powell, Luís Melodia, Gonzaguinha, Dominginhos, Djavan, Bob e Ziggy Marley, Tracy Chapman, Mercedes Soza, Pablo Milanés, Tarancón, entre tantos outros.

Além da grande energia e alto astral do ambiente, são também muito convidativos os preços populares dos "bebes e comes" caseiros, incluindo licores e a dobradinha, especialidades da casa. Neste mês, o Maré Brasil está exibindo a mostra em telas de 20 orixás do artista plástico Ter-cílio Brito.

Atenção, negronas e negrões, que estão a fim de navegar no Maré Brasil, é só dar uma chegada na rua do Sol nº 10, próximo à praça Dantas Barreto, em Olinda. No mesmo local, funciona o salão do Iran Cabelereiro, com especialistas em trançados e entre-laces.

Memória

2 jan — Fundação da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos

6 jan — Lançamento do Projeto Cultural Sambaxé

15 jan — Nascimento de Martin Luther King Jr. (feriado nacional nos Estados Unidos)

2 mar — Fundação do Afonxé Alafin Oyó, em PE

8 mar — Dia Internacional da Mulher

21 março 1960: Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial. (32 anos do massacre de Shaperville, na África do Sul).

Lepê



LIVRO-LOCADORA

* Se o livro que você precisa ou deseja ler está caro, alugue um, é mais BARATO.

** Visite e compreve.

CASA CAIADA CENTER - LOJA 9
AV. JOSÉ AUGUSTO MOREIRA, 1524 - CASA
CAIADA - OLINDA (próximo ao SAMPREÇO)
R. DO RIACHUELO, 325 - BOA VISTA - RECIFE
FONE: 222.0842
EDIFÍCIO EBANO - 5/12

DJUMBAY é uma publicação da SAMBAXÉ CONSULTORIA, EVENTOS E PROMOÇÕES. Caixa Postal nº 1805 Recife-PE, CEP — 50.000. Fones: 221.4744 e 231.3058 Ramal Nº 69. Coordenação: Gilson Pereira, Verônica Gomes e Tony Azevedo. Redação e Edição: Edmundo Ribeiro, Registro Nº 1.648 DRT/PE. Diagramação e Arte Final: Amauri Cunha. Composição, Fitolito e Impressão: CEPE (Companhia Editora de Pernambuco). Apoio: FUNDARPE — Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Convênio: Centro de Ardeução

* As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião do jornal.

José Vicente fala sobre Frente Negra

Participante ativo da extinta Frente Negra Pernambucana e fundador do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, José Vicente Lima está hoje com 81 anos de idade. Nesta entrevista, resgatamos e documentamos o exemplo de quem dedicou sua vida à luta contra o preconceito racial e pelo prestígio do negro na sociedade.

P. José Vicente, como se deu sua militância?

R. Minha militância começou pela Frente Negra Pernambucana. O movimento denominado "Frente Negra" surgiu em São Paulo e Pelotas-RS por volta de 1930, e no Recife, em 1937. Em São Paulo, foi uma reação contra a proibição da visita de negros à rua do Triângulo e da dança de negros em lugares considerados como de frequência para brancos. Em Pernambuco, a Frente Negra chegou com a visita de Barros, o "Mulato" do Rio Grande do Sul. Juntamente com Solano Trindade, José de Albuquerque, Gerson Monteiro de Lima, conseguimos criar a Frente Negra Pernambucana.

P. Qual foi a importância da Frente Negra?

R. A "Associação dos Homens de Cor", existente naquela época em São Paulo, não apresentava uma reação forte, embora evidenciasse o mesmo propósito da "Frente". O fato marcante da Frente Negra foi a posição que o negro tomou de se defender e lutar não só contra o preconceito, mas sobretudo lutar por uma projeção na sociedade.

P. E como foi a reação contrária à Frente Negra?

R. Na época, não deixou de haver críticas e censuras da sociedade branca, que alegava não existir preconceito, atribuindo aos negros a realização de um movimento de caráter separatista. Apesar disso, o verdadeiro propósito de defesa contra o preconceito continuou, porque os negros ha-



José Vicente aos 65 anos de idade

viam eliminado a proibição de ir e vir, não existindo assim um "apartheid"; contudo, não se satisfazia ainda a pretensão de ascensão profissional.

P. Que militantes ainda continuam vivos?

R. Pelo que temos conhecimento, permanecem vivos Barros (o "Mulato"), Abdias do Nascimento, Fernando Souza Dantas, Grande Otelo e Rute de Souza. Estes dois últimos, artistas que participaram do Teatro Experimental do Negro, na década de 40.

P. Como surgiu o Centro de Cultura Afro-brasileiro (CCAB)?

R. Surgiu sob nossa orientação, porque para nós, diante da integração da raça negra, pela mestiçagem, restava ao negro e aos mestiços o problema da cultura e intelectualização, partindo para uma integração em todos os setores da atividade humana. Verificamos a ocorrência de uma conscientização do negro no Brasil que antes era repudiado até pelo próprio negro. Então, o CCAB surgiu para elaborar estudos e pesquisas sobre a

cultura afro-brasileira.

P. O senhor fez alguma opção político-partidária?

R. Particpei do PTB, como assessor político de Josué de Castro, mas deixei logo que o parlamentar se afastou do partido. Nem o PTB nem um outro partido tratou seriamente a questão negra.

P. Como o Sr. define a questão negra?

R. É uma questão de raça, ou seja, de prestígio. Saindo da condição de escravo, restou à raça negra no Brasil a pobreza, a inferioridade econômica.

P. O Sr. pode fazer um paralelo entre o que era o movimento e o que é hoje?

R. Hoje existe mais conscientização, não havendo porém, um movimento cultural como desejamos, a fim de projetar melhor os valores negros no cenário da intelectualidade e no próprio cenário político. Constatamos a projeção de figuras de raça de forma isolada, por força de sua capacidade individual, sem vinculação com associações.

MAGA VIDEO

DOCUMENTAÇÃO, VÍDEOS
TÉCNICOS E EDUCATIVOS,
PRODUÇÕES EM SUPER-VHS
E COMPUTAÇÃO GRÁFICA.

Rua Emboadas, 154 - D
Santo Amaro - Recife - PE
CEP: 50.050 - Tel. (081) 222-6864

DISCOS RAROS



Rua do Hospício, 371 (D C E)
Ao lado do cinema Venezia,
defronte ao Col. Carneiro Leão
HORÁRIO: 8:00 ÀS 20:30
COM ESTACIONAMENTO.

JOÃO MÁQUINAS

Assistência Técnica Especializada em
Máquinas de Escritório em Geral



Av. Presidente Kennedy, 1731
1ª And. - S-02 - Peixinhos
Fone p/Recado (081) 424.2034
CEP 53.230 — Olinda-PE



PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
DE SONORIZAÇÃO, ILUMINAÇÃO
E PALCO

Rua Velha, 308
Fone: (081) 421.2207 - Recife-PE

ARREDIÇÃO

EDIÇÃO, REDAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO
ARTE FINAL e DIBO A QUERER (em)
AMARRILHADA DE EDUARDO RIBEIRO

FONE D)
RELA DOS
22.14744
R-59

Encontros e desencontro

Maria Auxiliadora Gonçalves

O estudo desenvolvido sobre o Movimento Negro Unificado, o MNU-Recife teve como intuito, investigar a atuação desse movimento, cujas características de "novo" — peculiar a todos os que surgiram na década de 1970 — levam a impor-se, a nível local, como o mais importante veículo de transformações étnica e social.

A partir de entrevistas semi-estruturadas, com 27 pessoas das três categorias — militantes, simpatizantes e ex-militantes — procurei detectar o enquadramento "movimento versus população negra", o nível de expectativa e o significado de teor do processo de conscientização. Através da observação participante, a Carta de Princípios e do Programa de Ação — tidos esses dois últimos como os principais documentos que regem — e outras fontes de informação, busquei verificar a essência e a consonância dos mesmos com o discurso, a práxis do movimento e a realidade do negro recifense.

Junto as propostas de luta do MNU-Recife procurei teoricamente trabalhar a questão da identidade étnica através

do resgate da concepção de dar pessoa enquanto negra, possuidora de valores e tradições étnicas que a diferencia diante dos outros grupos e que assemelha pelo ângulo da pertinência a um grupo étnico. Nesse mesmo sentido analisei o aspecto etnicidade tida como a resposta à identidade étnica que evidencia as condições entre a diferença e a semelhança, fomenta o processo à ideologia e conduz à mobilização do negro onde ele se encontra.

Nesse contexto, examinei as formas de sua organização política e conseqüentemente a elaboração de reivindicações no seu papel de movimento social e de ponto referencial para as discussões dos fatos que envolvem a questão racial, levantadas e questionadas pela sociedade através da imprensa falada, escrita e televisada, das universidades, das escolas e das próprias entidades negras e eventos. Adros mesmo tempo, dentro de uma visão comparativa dos objetivos pelos quais emergiu e de seu desempenho junto à população negra, procurei investigar como essas articulações foram utilizadas para provocar a abertura do caminho da prática do pleno exercício da cidadania.

O pagode é pra valer

"O pagode é chegar e acontecer. Cada um toca um instrumento, toca um pandeiro, solta a voz... aí está formado o pagode", como define o Didi, que muita gente já conhece lá do espaço por trás dos Correios da Guararapes. Também pudera, é animação pra dar e exportar.

Segundo o dicionário de Aurélio, pagode é "templo religioso chinês, japonês e de outros povos asiáticos", mas é também "divertimento, brincadeira", como é o nosso caso. Por isso, o pagode está acontecendo em fundos de quintais e barzinhos de todo tamanho. Tem até "Pagoderia chique", ali nas Graças!

Mas vamos voltar ao "Pagode do Didi". Ele conta que "há

cinco anos não tinha nem placar nem nome no seu estabelecimento comercial. Aí a onda pegou, e o nome ficou.

Peraí Didi, pagode é modismo? Vai passar como passou a lambada? Ele acredita que não, pois "pelo menos a gente já ganhou da lambada que não durou dois anos. Hoje em dia, até um pequeno barzinho, por mais humilde que seja, tem um grupo de pagode que, às vezes, toca até a troco de bebida, porque está começando agora e talvez, no futuro espera faturar". Ou então, fatura elas por elas.

Por outro lado, ocorre que muita gente não está conseguindo sustentar a barra, devido aos altos custos de manutenção. Dendi

O de um movimento negro

dania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estudar as questões culturais e política, usei dos conceitos da "identidade étnica" e da "etnicidade". A identidade étnica é a valorização da cultura. É a recuperação da auto-estima enquanto negro. É o reconhecer-se enquanto negro diante de si e dos outros. É assumir-se como membro de um grupo étnico, ou seja, aquele grupo que tem características que o diferenciam de um outro grupo.

Já a etnicidade é uma questão política, traduzida como a resposta da identidade étnica. A partir do momento que você se reconhece e se aceita como negro diante de si e dos outros, você parte em busca de reivindicações, de luta, de melhorias.

Quando defini o título da tese "Encontros e desencontros", é porque o Movimento não consegue atingir a identidade étnica mas não chega à etnicidade. Essa resposta não é tão forte como deveria ser enquanto movimento social. O que impede essa resposta é a metodologia. Em resumo, são determinados fatores metodológicos nesse trabalho a

identidade étnica simultaneamente com a etnicidade.

Então, grande parte da população negra ainda não atingiu um estágio de percepção do que é negro, das suas necessidades e contradições. Assim, continua faltando um trabalho de base muito forte. As pessoas se redescobrem enquanto negros, pessoas iguais que passam pelos mesmos problemas de discriminação, de exclusão da sociedade. Mas, na hora de trabalhar politicamente essa questão, aí se perdem. Vêm a decepção e esse entra-e-sai no movimento. O que acontece também em outros movimentos populares, por motivos semelhantes e outros específicos.

O MOVIMENTO TEM QUE BUSCAR O NEGRO ANONDE O NEGRO ESTIVER.

Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva (Dora) é Coordenadora do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais — Ênfase em Sociologia Rural do Depto de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Esta tese foi defendida no Curso de Mestrado de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, em dez/91. (O período estudado foi de 81/90).

placataram que muitas casas já fecharam principalmente pelos altos preços dos aluguéis, como foi o caso da "Casa Viva" e do "Beco do Catolé". Outros diminuíram o número de grupos que não cabiam, como a "Vanda da Torjã ga" que passou de cinco para quatro.

E os artistas do pagode, não estão sendo explorados? Didi, que dele é um dos pioneiros no ramo, da arte Recife, responde que, no início, não. Porém "hoje a turma está no fim a cabeça no lugar. E cita que está aparecendo muita gente

trai com composições e gravam: Luis e Sérgio Mosca entre outros. Esse samba do Rapa o Côco do aos Neguinho da Beija-Flor e está ficando o maior sucesso". Exis-

tem alguns grupos que estão lançando seus Lps, como o Samba Chic, o Sem Nome e o Leão.

Grande parte desse pessoal passou pelo Pagode do Didi, todo mundo aprendendo junto. Um deles foi "Raça Brasileira", cujo lançamento do 1º LP foi promovido pelo Sambaxé, no Centro de Arte Popular de Olinda.

O Pagode do Didi, além de um ponto de muita animação, serve de escola para quem pinta por lá. Por isso mesmo, ele quer que seus filhos continuem botando o negócio pra frente, tanto o barzinho como o seu grupo "Revolusamba", que toca em outros locais.

"O samba é indígena"



O pesquisador Bernardo Alves

"SAMBA não tem nada a ver com SEMBA que é ritmo cerimonioso, lento, uma dança religiosa, conforme o dialeto bantu. O samba nasceu entre os índios Cariri, espalhados pelo Sertão do Nordeste".

Com esta opinião polêmica a respeito da origem do samba, o pesquisador Bernardo Alves Filho está disposto a encarar qualquer discussão relativa a questão. No seu livro "A Pré-história do Samba", Alves Filho diz que os vendedores ambulantes que viajavam do Sertão para o litoral foram os grandes responsáveis pelo tráfico de influências entre índios e negros. Durante as farra com os negros escravos, cantavam os sambas indígenas. Daí, a troca.

Apesar de contestar a origem africana do samba, Alves Filho afirma ter sido o negro o responsável por todo o swing do ritmo, mas que o samba nasceu entre os índios, nasceu.

Bernardo Alves Filho pode ser encontrado para uma conversa na loja CANTO POPULAR, sala 107, no DCE-UFPE, rua do Hospício nº 371. Se não conseguirem chegar a um acordo, pelo menos podem curtir um bom e raro disco de música genuinamente africana.

Intecab retoma discussões

A partir do próximo dia 7 de março, o Intecab — Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afro-brasileira vai retomar as discussões em torno de suas iniciativas. Quinzenalmente, das 15 às 18 horas, na sua sede, na Estrada Velha de Água Fria nº 1644, Sítio do Pai Adão, serão realizados debates, começando naquela data pelos temas "Orumilá, a entidade maior" e "A música religiosa e a música profana", tendo como expositores o coordenador do Intecab, Manoel Nascimento e o maestro José Amaro.

O último Encontro Estadual de Tradição e Cultura Afro-brasileira, promovido pelo Intecab, no período de 5 a 7 de dezembro passado, no

auditório, da Fundação Joaquim Nabuco, teve como novidade a "Abertura das Festas de Iemanjá".

Na fase preparatória do Encontro foram convidadas a participar todas as entidades negras da comunidade. Muitos não apareceram nem nos preparativos nem no evento propriamente dito, inclusive convidados palestrantes, coordenadores ou relatores das discussões.

Segundo Manoel Nascimento, mais conhecido como "Papai", o Encontro Estadual foi boicotado por pessoas que na época, faziam parte da entidade e diziam estar ajudando, quando na realidade "agiram de má-fé", prejudicando o planejamento estabelecido para

essa realização". Apesar disso, "Papai" avalia que o encontro foi proveitoso e lembra o lema "União na diversidade". Frisa ainda que mesmo com discordâncias, as portas estão abertas para todos.

O Intecab é composto por um conselho Religioso Nacional, formado por 22 altos sacerdotes de diversas nações, entre elas Nagô, Jêje, Congo, Angola, Caboclo, além de comissões de Ciência e Cultura, Intercomunidades, Comunicação e Relações Públicas, e Secretaria de Administração e Finanças. Conta com núcleos nos estados da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Sergipe.

43 anos do Afoxé Filhos de Gandhy

Em 30 de janeiro de 1948, o assassinato do líder indiano **Mahatma Gandhy**, grande defensor da paz, abala a história e repercute no mundo todo. No ano seguinte, a greve portuária inglesa impediu o atracamento de navios daquele País em qualquer outro. Com isso, os estivadores do Brasil e, principalmente da Bahia, ficaram sem trabalho.

Nos bate-papos daquele momento, os estivadores

baianos tiveram a idéia de fundar mais um bloco de carnaval, o que aconteceu em 18.02.49. Fizeram uma "vaquinha" para comprar lençóis para se vestir e couro para fazer tambores, tamborins e agogôs. Após discussão sobre o desempenho de Gandhy, decidiram chamar o bloco de "**Filhos de Gandhy**".

Alertados pelo Sindicato da categoria que tivessem cui-

dado, pois tudo que acontecia na estiva era visto como coisa de "comunista", saíram naquele domingo de carnaval, com apenas metade dos 40 idealizadores do bloco, como medida preventiva contra qualquer repressão policial. Mas como nada ocorreu. Na terça-feira de carnaval, o Bloco **Filhos de Gandhy** saiu completo e arrasou. Todos desfilaram de lençóis e turbantes brancos, ao ritmo do **Ijexá**.

Poucos anos depois, o bloco foi transformado em afoxé, com adesão da religião candomblé. Os **Filhos de Gandhy** cresceu em beleza e magia, transformando-se hoje no bellissimo "Tapete branco da paz", irradiando charme e elegância e abrihantando o carnaval baiano.

Como alegorias traz a cabra, o camelo e o elefante, símbolos de uma Índia distante que se tornou próxima, mesclada com cânticos da África não tão distante, irmanando negros, mulatos e brancos no ritmo **Ijexá**.

Extraído do texto de Rosângela Guimarães assessora de imprensa dos Filhos de Gandhy — Salvador—BA



os de Gandhy entregando o troféu Sambaxê

Raízes

AXÉ RIMA COM SAMBA E AFOXÉ AXÉ RIMA MAIS FORTE COM SAMBAXÉ

Após dois anos de realizações diversificadas, o que até então era apenas um projeto de arte e cultura negra, torna-se hoje a Sambaxé Consultoria, Eventos e Promoções. Sociedade civil, sem fins lucrativos, visa dar uma sacudida nas iniciativas da Comunidade Negra Pernambucana.

Agora sim, as nossas necessidades passam a ser trabalhadas com mais profissionalismo por quem realmente tem vivência da causa negra.

Com uma nova maneira de agir, vamos de cara dar continuidade a algumas atividades desenvolvidas pelo Projeto Cultural Sambaxé, tais

como:

— Jornal Djumbay, que antes era um informativo apenas do Projeto, passando agora a ser da Comunidade Negra Pernambucana. O objetivo deste periódico é formar um hábito de leitura e ampliar a divulgação de informações especializadas na causa negra, inclusive pesquisas que serão apresentadas nesta seção;

— levantamento de dados para elaboração do guia da Comunidade Negra.

Vamos tocar para frente também outras idéias:

— Baquenambuco: manifestações afro-brasileiras a serem realizadas pelos grupos Mara-

catu Nação Pernambuco, Afoxé Ylé de Egbá, Bando do reggae e Banda Brasília;

— cursos de danças e ritmos afro-brasileiros, teatro, idioma Yorubá, formação política e militância negra;

— assessoria na elaboração de estatutos, visando a legalização dos segmentos da Comunidade Negra Pernambucana;

— Central de Informação, Pesquisa e Documentação, com atendimento constante.

Estamos abertos a novas idéias, que poderão ser concretizadas de acordo com os nossos objetivos e dentro das nossas possibilidades.

BAQUENAMBUCO VAI CONTAGIAR VOCÊ
PREPARE-SE. SÁBADO, 04 DE ABRIL, 20 HORAS.
CENTRO DE ARTE POPULAR DE OLINDA.

Fala, negritude

"É a oportunidade de se registrar a história da comunidade negra pernambucana, que a gente não deve, de jeito nenhum, deixar passar sem documentá-la. (Lúcia dos Prazeres, do Centro de Formação do Educador Popular Maria da Conceição).

"Melhor idéia que já surgiu com relação à comunidade negra no que se refere a um veículo de comunicação. Proposta inovadora, grande" (Jorge Andrade, Poeta negro e membro da Comissão de Cultura do PSB — Olinda).

"Era o que estava faltando: um jornal que não se limitasse a uma entidade e sim, a entidades (Nado, do Balé Kebiosô).

"Agora, com uma representação maior da comunidade negra, o jornal abre mais caminho, abre mais história e oferece condições a um maior aprofundamento" (Nascimento do Passo, bailarino e passista).

"Muito positiva, porque de repente sai de um público menor para um bem maior de leitores. É por aí!" (Bernardino, do Maracatu Nação Pernambuco).

"Estávamos necessitando de um meio mais abrangente, sobretudo para atender as necessidades das informações locais" (Manoel Nascimento, — Papai, do Intecab — Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-brasileira).

"Bastante importante por falar

do que o negro vive no dia-a-dia, em termos políticos, culturais e de uma forma geral" (Gildo Silva, da Banda Brasília).

"Com essa nova proposta, o Djumbay passa a ter fundamento e a atender o conceito de comunidade, de união, de um só propósito, como acredito que deve ser" (Gilson Santana — meia-noite, presidente do Centro de Educação e Cultura Daruê Malungo).

"Vai mexer muito com a realidade da comunidade negra pernambucana, pois muitas pessoas estão isoladas por serem negras ou por não terem conhecimento umas das outras" (Risomar Inglês, do GTA — Grupo de Teatro Atual).

Em cena o Grupo de Teatro Atual

Foi num clima político social de muitas mobilizações populares em todo o País, em 1985, que surgiu o GTA — Grupo de Teatro Atual, através da iniciativa de um grupo de estudantes do Centro Supletivo Waldemar de Oliveira. O objetivo era remontar as experiências vivenciadas pelos grupos que compuseram o MCP — Movimento de Cultura Popular.

Após três meses de trabalho, com sede no 2º andar de Edifício Libano, à rua do Hospício nº 76, foi concluído um curso de capacitação coletiva de formação de atores. O coordenador e um dos fundadores do GTA, Genivaldo Bazílio, dá uma voltinha no túnel do tempo: "Algo me dizia que nós estávamos no caminho correto, porém no local errado. O grupo se desfez por divergências profundas em 1986, já no Alto da Bondade,

eu e minha cômpanheira reunimos um grupo de adolescentes e reiniciamos as atividades do GTA".

Além do teatro, hoje o GTA vem desenvolvendo um projeto artístico-educativo através do Centro de Arteducação do Alto da Bondade, fundado em 1988 pelos então integrantes do GTA. A finalidade do Centro é atender os jovens e adolescentes do Bairro, em situação de risco social, vítimas históricas do processo de colonialismo voraz que nos foi imposto desde a invasão dos portugueses em 1500.

O Centro funciona em regime de cooperativa com nove grupos: teatro, tapeçaria, tecelagem, bordado, serigrafia, produção em couro, corte e costura, comissão de saúde e equipe de arteducadores. As decisões coletivas são avaliadas por um conselho formado

por dois representantes de cada atividade.

O GTA é responsável também pela criação de dois grupos de teatro na vizinhança e de um grupo musical, além de haver participado da Fundação da Associação de Moradores de Águas Compridas e da elaboração do Projeto de Educação, Saúde e Artesanato do Alto do Cajueiro.

Para este ano, o Grupo tem como prioridade a construção da sede do Centro de Arteducação e a conquista de melhores condições de trabalho. A coordenação atual, do GTA é formada por Genivaldo Bazílio, Risomar Inglês, José Rocha e Genildo Gama.

Nos dias 19 a 21 de março às 19 horas o GTA encenou a peça "Das senzalas às favelas", na Sala Clênio Wanderley, Raio Sul, 2º andar da Casa da Cultura.

Capoeira animal é expressão de vida

A dança, expressão do belo nas artes plásticas, amplia a condição do pensamento do ser humano, agindo sobre o fator psicológico e fortalecendo a ação física das atividades cotidianas.

A dança é a vibração corporal. Através do corpo podemos transmitir os movimentos que possuímos batidas cardíacas, respiração, contrações, reflexos e outros.

Os atos rítmicos



Balé Kebiosó no Museu do Homem do Nordeste em dez./91

das coreografias que a dança animal produz são: tensão, relaxamento, movimento e pausa. Harmonizam os movimentos corporais até chegar ao domínio com a dança e a percussão: CAPOEIRA ANIMAL!

A linguagem dança capoeira animal" é a expressão corporal da própria vida. Desde que chegamos ao mundo nos comunicamos através dos movimentos e expressões... DANÇA!

Balé Kebiosó



SUA SOLUÇÃO É O TELE-RECADOS RECEBE E TRANSMITE SEUS RECADOS, TUDO ISSO POR UMA PEQUENA TAXA MENSAL!!

TELE-RECADOS

AV. CONDE DA BOA VISTA, 247 - SALA 802
BOA VISTA - RECIFE-PE. CEP. 50060

LIGUE AGORA!!! (081) 221-4744 - 231-3058

Apresentando este curso com você ganhando 10%.